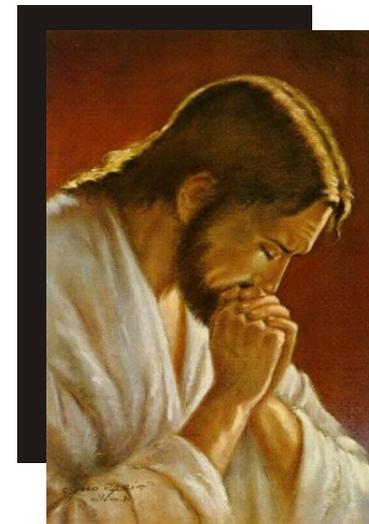


Retiros Salvatorianos

1ª Fase



Inspirados em Cristo Jesus
testemunhar o amor universal
de Deus Salvador



Conclusão

O amor universal é uma marca característica da vida salvatoriana. Exige-o nossa condição de filhos de Deus. Exige-o nossa vocação de sermos imagem e semelhança de Deus. Exige-o a fidelidade ao projeto de Deus, no seguimento de Jesus Cristo, exemplo dos Apóstolos. Exige-o Pe. Jordan: *“Ide em nome do Altíssimo, e inflamai a todos!” (DE II 21,1).*

Sub-tema I

JESUS CRISTO NOSSO MODELO INSPIRADOR

Introdução

Jesus é nosso modelo inspirador. Vamos, pois, iniciar o aprofundamento da espiritualidade salvatoriana com a pessoa de Jesus. Nele encontramos a força necessária para assumir a missão.

1. Raiz trinitária de nossa espiritualidade

Assumindo Jesus como modelo, descobrimos toda a Trindade divina. Ele nos leva ao encontro com o Pai e o Espírito Santo. A experiência de Deus uno e trino em Jesus é a base da espiritualidade salvatoriana.

1.1. Enraizada na experiência de Deus Salvador

Através de Jesus, entendemos que Deus é Pai, o **“Abbá”** misericordioso. Jesus nos revela o Deus que geme, suspira e dá à luz seus filhos e filhas. Ele é o Pai que espera, todos os dias, a volta do filho perdido, e a Mãe que nunca esquece a criança de suas entranhas. Jesus se identifica com o Pai.

Lc 15,11-32

Is 49,14-16

Jo 10,30

“Pai, faze com que eu doe a minha vida por ti e pelas almas resgatadas por preço tão elevado! Pai amantíssimo, vê, elas se encontram nas sombras da morte, e não te conhecem!” (DE I 12,1-3).

1.2. Comprometida com a missão de Jesus Cristo

Jesus nos chama para assumir a vida apostólica. O objetivo da comunidade é sempre o crescimento do Reino de Deus. Jesus envia os seguidores e seguidoras de todos

os tempos para darem continuidade à sua missão. Quem segue os passos de Jesus, se compromete a ser apóstolo e apóstola.

Mc 1,16-20 Mt 28,19-20 Mc 16,15

“Sê um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo, e não sossegues até que tenhas levado a palavra de Deus a todos os recantos da terra. Sê um autêntico arauto do Altíssimo!” (DE I 182,3). (CIS 43,52).

1.3. Energizada pela ação do Espírito Santo

Jesus nasce de Maria, pelo poder do Espírito Santo. O Espírito o conduz ao deserto e o unge para a missão. Em Pentecostes, o Espírito Santo desce sobre a comunidade apostólica. Ele continua energizando os seguidores e as seguidoras de Jesus.

Lc 4,14-21 At 2,1-47

“Somos chamados para o apostolado... chamados para anunciar a Palavra de Deus... Que resultados podemos alcançar, se não formos iluminados e guiados pelo Espírito Santo?” (PE 52-53). “Levanta-te como um fogo!” DE II 44,5).

2. Mística de encarnação transformadora

João 17,3 também nos alerta sobre a importância da encarnação de Jesus. A encarnação do Filho na história muda tudo. Com a encarnação, a ação divina toma um rumo novo. Ela abre para nós uma mística capaz de transformar a vida, a partir de dentro.

2.1. Identificação com Cristo Salvador

Na encarnação do Filho, encontramos a chave para uma mística transformadora. Jesus se identifica conosco e

3. Vida plena para todos

Pe. Jordan vê na pessoa humana necessitada de salvação, o ponto de partida para se alcançar mais vida, vida plena para todos. Isto requer de nós uma postura clara em favor do Reino de Deus, Reino de amor, de justiça, de solidariedade, de paz.

3.1. Opção pela vida ameaçada

Deus Salvador ama a vida. Ele quer chances iguais para todas as suas criaturas e, por isso, dá atenção preferencial às pessoas mais necessitadas. Priorizar as pessoas menos favorecidas é, para nós, questão de justiça.

Lc 15,1-6

Dn 12,3

“Ensinai todos os povos, especialmente os pequeninos...” (1884, CIP 5,22). “Deixai vir a vós os pequeninos, tornando-vos para eles mães espirituais... Pois, ‘aqueles que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça, luzirão como as estrelas por toda a eternidade’. A fim de conquistar todos para Deus, sede também mães espirituais para os miseráveis, os doentes, os pobres, nos quais deveis ver o próprio Cristo” (1884, CIP 26,7).

3.2. Solidariedade universal

Jesus visibiliza a misericórdia de Deus para com todos. Ele proclama a dignidade do ser humano, e o coloca acima da observância da lei. Atribui, como feito a si, tudo o que é feito ao menor dos irmãos e irmãs, e declara que o Pai quer justiça mais do que sacrifício.

Mt 12,1-8

Mt 12,9-12

“Suspeito que não possamos levar vida religiosa engajada no mundo, sem assumir, ativamente, a causa do pobre, do doente, etc.” (DE I 105,1). “Até a morte, lute pela justiça!” (DE III 20,2)

2.1. Igreja participativa

A visão eclesiológica de Pe. Jordan está voltada para a vida do ser humano. Jesus se encarna, e acaba morrendo na cruz para salvar. A missão da Igreja é salvar. E esta missão não é, nem pode ser reservada ao clero. Pelo contrário, Jesus confia esta missão à Igreja toda. Ele não envia apenas os Doze, mas também os setenta e dois.

Lc 9,1-6

Lc 10,1-11

“A Sociedade Apostólica Instrutiva acentua, com ênfase, este apostolado leigo, recordando aos superiores, aos pais, aos professores, enfim, aos que exercem qualquer tipo de liderança, o dever de consciência de exercerem o apostolado” (CIP 20, 21). “Ela pretende... animar todas as forças ativas da Igreja, no desempenho de sua vocação cristã” (CIP 20,6).

2.2. Família Salvatoriana

Para viabilizar a renovação da vida da Igreja a serviço da transformação da realidade sofrida do povo, Pe. Jordan pensa numa ‘Sociedade’, religiosos(as) e leigos(as) de todas as camadas sociais, que atuam como fermento de transformação. Como o fermento faz crescer a massa do pão, assim a ‘Sociedade’ deve fazer crescer e transformar a ‘massa’ do povo, à luz do Evangelho.

Mt 13,33

1Cor 5,6-8

“Ela (a Sociedade) pretende ajudar a transformar muitos cristãos católicos em católicos autênticos, para que não só levem externamente este belo nome, mas que sejam repletos, em seu íntimo, da fé católica...” (CIP 11,29-30). Para que este espírito apostólico possa penetrar mais e mais..., eles devem envolver sempre mais gente nessa correnteza” (CIP 11,38).

nos abre a possibilidade para nossa identificação com ele. Ele nos capacita a viver uma mística transformadora.

Jo 17,20-26

2Cor 13,5

Gl 2,20

“Nosso principal empenho seja, pois, o de meditar sobre a vida de Jesus Cristo” (DE I 52,1). “Se quereis, pois, santificar-vos, deveis tornar-vos semelhantes ao vosso divino Modelo. Destes já um grande passo neste sentido” (PE 25)

2.2. Inserção na história

Em Jesus, a palavra de Deus se faz carne. A implicação é formidável. Deus habita entre nós, assumindo carne e osso, tornando-se um de nós. E, inserido na história, ele se incultura. Assume os valores presentes em sua cultura, e desafia os anti-valores.

Jo 1,14

Fl 2,6-11

“Senhor Jesus Cristo, recebe a minha vida e tudo o que possuo!... Eis-me aqui, envia-me! Faça-se a tua vontade!” (DE I 146,1.6). “Haja particular empenho em popularizar as verdades teológicas, tornando-as, assim, acessíveis ao povo!” (DE I 118,5).

2.3. Amor até o fim

Deus irrompe na história com amor e por amor. A vida de Jesus nos mostra como viver amor verdadeiro em situações concretas. Jesus abre a possibilidade de amizade com ele, com Deus. Sua amizade está intimamente ligada ao amor extremo, amor até o fim. Cristo ama assim e nos convida a seguir seus passos.

Jo 13,1-15

Jo 13,34-35

Jo 15,13

“Os maiores amigos de Jesus são aqueles de Jesus,4) são aqueles, dos quais ele exige maiores sacrifícios” (DE I 200,4).

3. Leitura orante da realidade

Jesus nos ensina a fazer a leitura orante da realidade e a desenvolver a missão, enraizados(as) na realidade do povo. Ele sabe ler e rezar os sinais dos tempos (*Mc 1,15*). Nossa missão necessita do mesmo alicerce.

3.1. Com os pés no chão

Deus age na história humana. Jesus acredita nisto. Está sempre com os pés no chão da vida. Primo e discípulo de João, Jesus fica chocado com a prisão do mesmo. A partir desse momento, faz uma leitura orante da realidade e se lança em missão.

Jt 9,4-6

Mc 1,14-15

“E tu, Alemanha, por que resistes ao teu Deus?” (DE I 1,10). “Quantas crianças se tornam vítimas da ignorância, sendo devoradas pelos espíritos infernais, quais flores em gélida noite de inverno” (DE I 58,4).

3.2. Na ótica dos valores evangélicos

A leitura orante ilumina os acontecimentos. Os valores evangélicos geram o valor básico, que é vida, vida plena. As bem-aventuranças anunciam a presença do Reino e indicam a transformação que ele produz. Jesus nos ensina como viver à luz dessa ótica.

Jo 10,10

Mt 5,1-12

“A regra de vida desta Ordem é: observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo...” (CIP 5,20).”Diariamente te mostras para nos ensinar. bondoso Salvador! Queremos

Mt 28,19-20

Gl 3,26-28

“Por sua grande misericórdia, o Divino Salvador nos chamou para que nos tornássemos suas imagens, nos assemelhássemos a ele o mais possível” (PE 23). “Portanto, a Sociedade não se destina somente à Itália, mas a todas as nações... Devemos trabalhar entre povos cultos e incultos, entre civilizados e incivilizados. Nenhuma nação, nenhum povo, nenhuma classe social é excluída...” (PE 180).

1.3. Em relação às atividades

A questão central é, pois, vida plena para todos. Jesus cuida da pessoa toda, e vem para liberta-la e salva-la de tudo aquilo que a impede ou lhe dificulta vida plena. Por isso, não podemos absolutizar certas atividades, nem excluir outras. O critério básico para a escolha das atividades é a necessidade concreta de mais vida.

Jo 17,3

Mt 25,31-37

“Sirvam-se (os membros) cuidadosa e sabiamente no Senhor, do exemplo, das palavras, dos escritos, e de todos os modos e meios que a caridade de Cristo inspira, para manifestar a todos e glorificar em toda parte Deus Pai, seu Filho Jesus Cristo e o Espírito Santo, para salvar as almas imortais” (CIP 5,40).

2. Visão includente de Pe. Jordan

Jesus está atento ao contexto global da vida do ser humano. Ele liberta da doença, da cegueira, da paralisia, da fome, da exclusão social, do pecado. Ele proclama “bem-aventurado” a quem liberta da fome, da sede, da exclusão, da nudez, da doença, da prisão.

Sub-tema V**AMOR UNIVERSAL DO SALVADOR
AMOR SEM FRONTEIRAS****1. Elementos da tradição salvatoriana**

A tradição salvatoriana é constante em afirmar que o amor universal é marca característica da vida salvatoriana. Juntamente com a metodologia, essa visão universal caracteriza nossa vida e missão.

1.1. Em relação às pessoas

Pe. Jordan é um grande amante da Palavra de Deus. Ele percebe que Deus quer vida plena e eterna para todas as pessoas. Por isso, a Boa Nova da salvação deve ser anunciada, sem exceção, a todas as pessoas. Ninguém deve ser excluído.

Mc 16,15

1Cor 13,4-7

“A caridade é como o amor de uma mãe para com seu filho. Ela deve ser verdadeira, abnegada, paciente, atenciosa, compassiva, imparcial, universal; não é unilateral, é ativa em palavras e em gestos concretos. Ela deve abranger a todos... Esta caridade universal é uma nota característica de nossa Sociedade” (PE 126-127). “Cristo morreu por todos os seres humanos; por isso nossa Sociedade possui um caráter universal” (PE 126-127).

1.2. Em relação aos povos e às nações

Devemo-nos dedicar à salvação de todos, sem discriminação ou preferência de nacionalidade, raça, cor, condição social. A exemplo do Divino Salvador, não excluimos nem privilegiamos povo algum. Hoje Jesus convida todos os povos e nações para serem discípulos.

tua voz fielmente escutar... O teu exemplo queremos seguir” (CIS 43,48).

Conclusão

Cristo Salvador inspira nossa vida. Nele descobrimos o Deus único e verdadeiro, a Trindade santa. Ele abre o caminho de inserção histórica com um amor radical, capaz de transformar o mundo. Queremos conhecer melhor nosso modelo Jesus e caminhar com ele. Assim poderemos realizar o sonho de um mundo melhor.

II. O SER DO SALVADOR A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Introdução

Seguindo os passos de Cristo Salvador, encontramos os elementos-chave de nossa espiritualidade salvatoriana. O primeiro deles é a experiência de Deus. Em outras palavras, nós precisamos contemplar e conhecer o próprio ser do Salvador. A principal fonte bíblica de nosso carisma salvatoriano, *João 17,3*, também nos orienta nessa direção¹. Não podemos penetrar o segredo da vida sem conhecer o Deus verdadeiro. Conhecimento bíblico, pressupõe uma experiência profunda e transformadora no nível do ser. Deus se revela de muitas maneiras e, em cada revelação descobrimos um convite à intimidade maior com ele. Na segunda fase dos retiros salvatorianos, vamos aprofundar esta linda revelação. Aqui, numa visão sintética e introdutória, refletimos sobre a dinâmica necessária na vida humana para acolher essa revelação e seu convite.

1. Olhar contemplativo

Deus olha para toda sua criação com ternura, com profundo amor. No livro do Gênesis, descobrimos um Criador que olha para suas criaturas e confirma, seis vezes, que tudo: *“era bom...muito bom”*². A repetição não deixa dúvida. O Autor da vida está contente com sua obra. É esse olhar de ternura que Deus partilha com o ser humano, quando o cria à sua imagem e semelhança³. O Criador nos reveste com sua própria força, com *“olhos, orelhas e coração para pensar”*⁴. Com o dom de seu olhar contemplativo embutido em nós, podemos conhecer Deus, no sentido mais amplo da palavra.

1 “A vida eterna é esta: que eles conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que tu enviaste, Jesus Cristo”

2 Cf Gn 1,10.12.18.21.25.31

3 Cf Gn 1, 26; Eclo 17,3

4 Eclo 17,3-8

“Que cada um possa dizer... o que disse são Paulo: ‘sede meus imitadores como eu o sou de Cristo’. Dessa forma estareis exercendo uma poderosa força de atração” (PE 198).

3.2. Formadores de novos apóstolos(as)

Na concretização de sua missão, Jesus ensina o povo, se compadece, cura, perdoa... Contudo, com todas essas atividades, ele não se descuida da formação dos discípulos. Ao contrário, reserva boa parte de seu tempo à instrução e ao treinamento dos mesmos, dando-lhes explicações à parte. E não faz segredo das exigências feitas a quem pretende segui-lo: que não sejam apenas alunos, mas amigos, que o sigam nas inseguranças, nas provações, aonde quer que ele vá.

Mt 10,23-25

Jo 12,26

Rm 16,3-16

“Ela (a Sociedade Apostólica Instrutiva) pretende ajudar a transformar muitos cristãos católicos em católicos autênticos, para que não só levem externamente este belo nome, mas que sejam repletos, em seu íntimo, da fé católica... Ela também pretende animar e instruir os cristãos católicos para defenderem, com ânimo e habilidade, a santa fé” (CIP 11,16).

Conclusão

Este aspecto da espiritualidade salvatoriana é desafiador. Nem sempre conseguimos ter abertura suficiente. Com frequência nossas inseguranças nos impedem de abrir espaços para outros. Não raro nos falta coragem para abandonar esquemas rígidos, formais, legalistas, ultrapassados. Somos convidados a rezar nossas atitudes, confrontando-nos com as atitudes de Jesus.

“Eles não se devem contentar com a tradicional cura de almas, nas escolas e na igreja,... aplicando outros métodos de renovação de renovação espiritual” (CIP 11,38). “Queremos ajudar a acender em todos os corações o fogo que Jesus veio trazer à terra, e que ele quer ver aceso!” (CIP 23,23).

2.2. Condição para envolver outros

Sem uma formação adequada, ninguém se envolve seriamente. Fica-se sujeito às oscilações do mundo emocional, sem condições para levar adiante qualquer compromisso sério. Sem ela, não nos envolvemos nem nos comprometemos com a vivência dos valores familiares, eclesiais e religiosos.

Mc 4,3-10 Mt 7,21 Jo 13,13-15

“... não podemos aceitar qualquer um, mas apenas católicos autênticos... que amam e vivem, de fato, sua fé, e que estão realmente interessados na salvação de seu próximo” (CIP 23,21).

3. Agentes de transformação

Somos chamados(as) a ser agentes de transformação, que formam e envolvem outros como apóstolos(as), como multiplicadores(as). Isto requer uma atitude de constante conversão. Na prática, custa-nos criar espaços, superar inseguranças e correr o risco. E, sem a devida confiança em nós mesmos, não conseguimos confiar nos outros.

3.1. Dispostos a envolver outros

A ordem de Jesus, após sua ressurreição, é clara: “*tornar discípulos*”, “*fermentar a massa*”. Não se trata tão somente de “*anunciar*” ou de “*ensinar*”, mas de anunciar e ensinar de modo a tornar discípulos(as), agentes de transformação.

Mt 28,19a Mt 13,33 Jo 17,9.20-21a

1.1. Silêncio interior

Infelizmente não é tão fácil viver com o olhar contemplativo funcionando bem. A vida cotidiana apresenta muitas cenas complicadas e óticas enganadoras. Nossa visão se obscurece e encurta com muita facilidade. Através da experiência do deserto, a história da salvação nos ensina como encher com olhos novos. O silêncio e o vazio do deserto abrem espaço para reativar o olhar e o escutar contemplativos. No silêncio encontramos o Deus da vida e seu projeto original. Quando a pessoa faz essa experiência, a palavra de Deus “*está ao seu alcance: está na tua boca e no teu coração, para que a coloques em prática*”⁵. Deus inicia e preenche o silêncio: “*Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração*”⁶. O tempo e o espaço físico do silêncio interior com Deus são fundamentais. Jesus vive assim: “*De madrugada, estando ainda escuro, ele se levantou e retirou-se para um lugar deserto*”⁷. Maria de Nazaré cultiva o silêncio interior para entender seu lugar no mistério da encarnação⁸.

Pe. Jordan insiste que sejamos pessoas de oração⁹. Cultivando seu silêncio interior, ele indica o caminho: “*Ainda que estejas sobrecarregado de trabalhos, a serviço do bem, comunica-te, diariamente, durante algumas horas, com o bom Deus, por meio da oração compenetrada e da meditação; ou então, enquanto possível, por meio da contemplação, a fim de conservares ou recuperares o verdadeiro silêncio interior e a serenidade de espírito*”¹⁰. Nas suas conferências e cartas, o Fundador volta muitas vezes à necessidade de oração. Madre Maria enfrenta suas interrogações sobre o futuro, exclamando:

5 Dt 30,14
6 Os 2,16
7 Mc 1, 35
8 Cf Lc 2,51-52
9 Cf PE 31
10 DE I 65,5-66,1

“Mas, silêncio! ... Oh! silêncio! Sim, silêncio!”.¹¹ Certamente, o conselho do Fundador e a prática de Madre Maria valem também para nós, hoje. Sem cultivar o silêncio interior, temos pouca possibilidade de viver, em profundidade, o carisma salvatoriano.

1.2. Visão de Fé

No silêncio interior, podemos nos abrir à visão de fé. Na intimidade do encontro com Deus, nossos olhos, ouvidos e coração estão sintonizados com a verdade. O sonho de Deus é visto e escutado de novo. O coração arde com a possibilidade de vida plena para todos. Na Bíblia, vemos como a fé é reanimada em várias circunstâncias: ao redor da mesa, em Emaús,¹² na beira da praia¹³ e no alto do monte Horeb¹⁴. Em cada uma dessas situações, a visão de fé abre e engaja a pessoa em sua totalidade. Com o olhar contemplativo, a pessoa enxerga a realidade, sem distorção. Assim “O céu manifesta a glória de Deus, e o firmamento proclama a obra de suas mãos”¹⁵. Assim também entendemos os sinais dos tempos, através da mesma luz da fé.

Aqui é bom lembrar a famosa frase de Pe. Jordan: “Contempla tudo à luz da fé. Todo o teu pensar, falar e agir seja motivado neste sentido. O justo vive da fé”¹⁶. Sabemos que ele vive da fé, confiando sempre na Divina Providência. E insiste que nós, seus filhos e suas filhas espirituais, vivamos da mesma luz divina¹⁷. Também os poemas de Madre Maria revelam uma pessoa com visão de fé: “Contempla na fé as

11 CIS 43,35

12 Lc 24,32

13 Jo 21,7

14 1Rs 19,9-15

15 Sl 19, 2

16 DE I 136,5-6

17 Cf PE 11-15

1.2. Como membros ativos da Igreja

Como discípulos e discípulas de Jesus, somos chamados(as) a estar com ele e a nos deixar enviar por ele. Somos chamados a participar ativamente da vida da Igreja, procurando envolver outros. Como Jesus não quis agir sozinho, também nós não podemos agir apenas isoladamente. Ser Igreja, para nós, é ser comunidade viva, comprometida com o anúncio da Boa Nova.

Mt 25,14-30

Lc 12,42-48

Mt 5,13-16

“A Sociedade Apostólica Instrutiva acentua, com ênfase, esse apostolado leigo, recordando aos superiores, aos pais, aos professores, enfim, aos que exercem qualquer tipo de liderança, o dever de consciência de exercerem o apostolado” (CIP 20,21).

2. Formação para o compromisso

Jesus não costuma pôr panos quentes para atrair discípulos. Pelo contrário, ele apresenta exigências claras a quem quiser seguir seus passos. Exige, por exemplo, desfazer-se de eventuais amarras que possam dificultar ou impossibilitar a dedicação à missão. A revitalização da vida cristã requer intensa formação para o compromisso e revisão constante dos critérios usados na caminhada.

2.1. Elemento-chave para toda a catequese

A formação para o compromisso é elemento-chave para a catequese em nossos dias. Se nosso processo formativo não compromete com a vivência dos conteúdos adquiridos, não ajudamos a criar convicções profundas. E, sem convicção profunda não existe perseverança na vocação. Daí a importância de apresentar exigências claras que comprometam as pessoas.

Mt 19,21

1Cor 1,17

Mt 7,6

Sub-tema IV**MULTIPLICADORES DE APÓSTOLOS
NOSSA METODOLOGIA****Introdução**

Javé é um Deus Libertador e Salvador, amante da vida. Ele nos envolve num misterioso processo de salvação. Na pessoa de Jesus, este rosto de Deus transparece ainda com maior evidência. Ele é o caminho que pretendemos seguir, a verdade que pretendemos anunciar e a vida que pretendemos viver.

1. Envolvimento de todos

Chamando-nos à vida, Deus Salvador nos confia a responsabilidade pela criação. Pelo batismo nós nos comprometemos a seguir Jesus, vivendo a vida nova e colocando-nos a serviço do Reino. Colocando nossos dons a serviço, todos se beneficiam com eles. O projeto de Deus envolve a todos (*Cf Mt 28,19*).

1.1. Como vocacionados e vocacionadas

Os dons de Deus nos são concedidos em vista da missão. Em sua metodologia, Deus Salvador envolve as pessoas. Ninguém deve ficar à toa na vida. Todos devem se deixar envolver, envolvendo outros no projeto de Deus, que é vida para todos. Todos, homens e mulheres, religiosos e religiosas, leigos e leigas somos chamados(as) a ser cooperadores de Deus na obra da salvação.

Mt 4,19-20

Jo 4,28-30

1Cor 3,9

“A obra do apostolado pode muito bem realizar-se por iniciativa individual, mas ela será mais eficaz se houver a união de muitos, cooperando para a mesma finalidade” (CIP 11,12).

*obras divinas*¹⁸. O olhar contemplativo nasce do dom da fé, cultivado no vazio dos desertos de hoje.

2. Dinâmica integradora

O conhecimento do ser do Salvador não se limita ao nível intelectual. De fato, a experiência de Deus nos engaja em todos os níveis de nosso ser. O que experienciamos, no silêncio interior, com os olhos da fé, penetra tudo. Fé e vida são inseparáveis. Podemos testar a autenticidade de nossa visão de fé pela vivência dos valores evangélicos no dia-a-dia. A fé suscita uma dinâmica integradora na vida da pessoa.

2.1. Da experiência humana

O salmo 139 é um bom exemplo de como o encontro com Deus faz acontecer a dinâmica de integração humana. Os primeiros versículos descrevem a experiência de ser conhecido por Deus. É uma experiência formidável, até demais. No início a pessoa foge: *“Para onde irei, longe do teu sopro? Para onde fugirei, longe da tua presença?”*¹⁹. Mas o processo continua e, enfim, Deus conquista a pessoa. Com isso, toda a sua vida é iluminada por uma nova luz, com energia integradora. No texto, o salmista reconhece a presença divina em todos os momentos íntimos de sua vida: *“...no seio materno..., no fundo da alma..., nos ossos..., nas ações..., todos os dias*²⁰. A experiência humana é totalmente abraçada por Deus. São Pedro sente a mesma força de integração em sua reconciliação com Jesus ressuscitado²¹. O amor existente entre os dois toca no ser mais profundo de Pedro. Como resultado final, ele está pronto para estender as mãos e ser levado aonde ele mesmo não queria ir. A dinâmica do amor amadurece seu compromisso de apóstolo.

18 MM 43,50

19 Sl 139,7

20 Idem, 13-17

21 Cf Jo 21, 15-19

A vida pessoal de Pe. Jordan mostra como ele valoriza a integração de fé e vida. Ele vive o que fala e prega para os outros. A importância do testemunho de vida pesa muito nas suas conferências sobre a oração. Ele quer que sejamos “*sal da terra e luz do mundo*”²². Oração é necessário, mas boa oração, “*não ... uma oração superficial...*”²³. A falta de integração pessoal e de crescimento nos valores evangélicos derrubaria a missão salvatoriana: “*Quem não tem caridade para com o próximo, de nenhum modo deve assumir o múnus da pregação*”²⁴.

2.2. Da realidade conflitiva

A experiência de Deus tem um impacto particularmente significativo em meio às realidades conflitivas. Diante da morte, aprendemos a mergulhar na vida partilhada por Deus. Nos salmos, os gritos humanos ecoam com esta experiência: “*Javé, meu Deus, eu me abrigo em ti! Salva-me dos meus perseguidores todos! Liberta-me!*”²⁵. O salmista confia na presença ativa de Deus, mesmo nas piores situações: “*Ele se inclinou para mim, e ouviu meu grito. Fez-me subir da cova fatal, do brejo lodoso; colocou meus pés sobre a rocha e firmou os meus passos...*”²⁶. Jesus insiste que o confronto com a morte faz parte do crescimento humano: “*Em verdade, em verdade, vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas se morrer, produzirá muito fruto*”²⁷. A vida de Cristo certamente confirma que nunca podemos escapar à realidade conflitiva do sofrimento e da morte. Eles fazem parte da vida. Jesus Cristo nos mostra como integrá-los de uma maneira sadia²⁸.

22 PE 29

23 Idem

24 DE I63*,7

25 Sl 7,2

26 Sl 40,2-3

27 Jo 12,24

28 Cf Lc 22, 39-46

de Deus...” CIP 5,22). “Agora, diariamente minha vida irei doar, para o irmão poder salvar!” (CIS 43,20).

3.2. Vista em seu contexto global

Jesus proclama a vida eterna em seu contexto global. Ele se preocupa com todos os aspectos da vida humana., com a vida espiritual e com as condições de vida. Tudo o que Jesus prega e faz, está voltado para a vida plena do povo.

Lc 4,18-19

Mt 11,1-6

Lc 15,32

“Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (CIP 2a, 8; Jo 17,3). “Aqueles que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça, luzirão como as estrelas por toda a eternidade” Dn 12,3).

Conclusão

A prática do Salvador inspira nossa missão salvatoriana. Nesta visão sintética de nossa espiritualidade, confirmamos a centralidade da missão salvatoriana em nossa vida. Seguindo os passos de Jesus, queremos ser mais sensíveis à realidade e mais comprometidos(as) com a vida plena para todos. Deste modo estaremos proclamando a Boa Nova com mais transparência, através de todo o nosso ser e agir.

2.2. Insistentemente, a todos

Muitas vezes as pessoas enviadas pelo Espírito para anunciar uma mensagem de vida, são marcadas por uma certa insistência. O profeta Jeremias se refere a uma voz que queima dentro dele. São Paulo também se sente assim. A insistência não vem apenas do impulso humano, mas, antes, da inspiração do Espírito de Deus.

Jo 20,7-9 1Cor 9,16-23 2Pd 1,21

“Enquanto ainda houver sobre a terra um único ser humano que não conhece a Deus e não O ama sobre todas as coisas, não poderás sossegar por um instante sequer” (DE II 1,1). “...proclamai a palavra de Deus, insisti no tempo oportuno e inoportuno, repreendei, suplicai, exortai com toda paciência e doutrina. Não cesseis, dia e noite, de exortar a cada um, até mesmo com lágrimas” (CIP 5,22).

3. Comprometidos e comprometidas com a vida

Deus está comprometido com a vida, desde o início. Na caminhada do povo de Israel, encontramos um Deus que partilha a vida e procura resgatá-la. Jesus dá continuidade a esse compromisso, e nos revela a preocupação de Deus Salvador para com a vida em sua globalidade. O compromisso com a vida é imprescindível na espiritualidade salvatoriana.

3.1. Dom de Deus a ser partilhado

A história da criação, no livro do Gênesis, nos ensina que a vida é um dom gratuito de Deus. O livro do Eclesiástico afirma que Deus entrega ao povo a Lei da Vida, como herança. E a prática de Jesus revela seu compromisso para com a vida. Deus Salvador partilha sua vida conosco.

Eclo 17,1-14 Jo 10,1-18 At 5,20

“Ide anunciar, com destemor, ao povo toda palavra de vida eterna... não vos esquiveis de anunciar todo o desígnio

Pe. Jordan insiste sobre a necessidade de enfrentarmos as situações de conflito encontradas na vida. Em meio às dificuldades da fundação da Sociedade, ele reza a frase bíblica: *“Não temais, porque a guerra não é vossa, mas de Deus”*²⁹. E, na mesma página de seu diário, ele escreve: *“As obras de Deus só prosperam à sombra da cruz”*³⁰. Vemos nele uma pessoa com coragem e força extraordinária diante do sofrimento. Suas meditações sobre a cruz nascem de uma dinâmica integradora, em que fé e vida crescem juntas. Na época, quando ele assume o nome Francisco Maria da Cruz, encontramos uma linda reflexão orante sobre a cruz³¹. Hoje, mais do que nunca, necessitamos de uma espiritualidade que nos sustenta nas horas difíceis. Na espiritualidade salvatoriana, encontramos uma base sólida de confiança no Deus da vida para enfrentar tudo que a vida nos apresenta.

3. Opção transformadora

A experiência profunda de Deus nos leva ao crescimento humano. Hoje entendemos que o amadurecimento das pessoas perpassa todas as dimensões do ser. É um processo integral e integrativo, que exige conversão. Central nesse processo é a liberdade de escolha. A porta para a vida adulta é a livre vontade da pessoa. Assim, a experiência autêntica de Deus nos conduz à opção transformadora.

3.1. Processo de conversão

Para seguir os passos de Jesus, precisamos entrar em processo de conversão. O Evangelho de Marcos apresenta essa exigência logo no início da pregação de Jesus: *“O tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo. Convertedei-vos e crede no Evangelho”*³². O seguimento de Jesus exige uma opção radical. Acreditar na Boa Nova é assumir uma mudança de

29 DE I 163,2; Cf 2Cr 20,15

30 DE I 163,6

31 Cf DE I 179,3-180,5

32 Mc 1, 14-15

vida, isto é, uma *metanoia*. A partir da experiência de Deus, pessoas mudam. Pescadores deixam seus barcos³³, mulheres suas casas³⁴ e pecadores suas vidas alienadas³⁵. Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, a conversão continua sendo central no anúncio: “...fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém. Vós sois testemunhas disso”³⁶.

Paulo reconhece isto em sua própria vida³⁷. No fundo, a conversão reorienta a pessoa rumo à plenitude de seu ser. A oração de Paulo, dirigida à comunidade de Filipos, expressa isso assim: “...que vosso amor cresça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade, a fim de poderdes discernir o que mais convém, para que sejais puros e irreprováveis no dia de Cristo, na plena maturidade do fruto da justiça que nos vem por Jesus Cristo para a glória e o louvor de Deus”³⁸.

O Fundador da Família Salvatoriana compreende a importância da conversão em sua vida pessoal e na missão salvatoriana. Em seu *Diário Espiritual*, ele cita o profeta Ezequiel, confirmando a ligação entre a vida plena e o processo de conversão: “Por minha vida, diz o Senhor, não quero a morte do pecador, mas, antes, a sua conversão, de modo que tenha a vida”³⁹. Esta citação surge que Pe. Jordan entende a conversão no seu sentido mais amplo. Não é reduzida a uma mera troca de religião. Assim podemos afirmar sua importância na missão salvatoriana até hoje. Os termos *converter e salvar* aparecem muitas vezes nas primeiras explicações de nossa

33 Cf Mc 1,19-20

34 Cf Lc 8, 1-3

35 Cf Jo 8,1-11; Lc 5, 17-26

36 Lc 24,47-48

37 Cf At 9,1-20

38 Fl 1, 9-11

39 DE I 177,2; Cf Ez 33,11

1.2. Respeitando as culturas

Jesus valoriza cada indivíduo em sua globalidade, e respeita as diferentes culturas. O fechamento rígido do judaísmo da capital, Jerusalém, não deixa marcas nele. Sente-se à vontade quando se encontra com pessoas diferentes. No contato com as pessoas, Jesus quebra as barreiras da discriminação. Depois de Pentecostes, uma a uma, as barreiras culturais caem por terra.

Mt 8,5-13

Jo 4,21

Gl 3,28

“Ele (o amor) deve abranger a todas as pessoas... Este amor universal é uma nota específica de nossa Sociedade, que se destina a todos os povos” (PE 127)

2. Enviados e enviadas para anunciar

Jesus envia apóstolos e apóstolas para darem continuidade à missão por ele iniciada. Esta grande vocação e missão é também nossa e de todos os cristãos. A prática, o agir do cristão, deve estar sempre a serviço da missão.

2.1. A Boa Nova da salvação

A Boa Nova, anunciada por Jesus, dá continuidade à linha da proclamação profética de Isaías. Ela proclama a vida plena, a salvação para todos. Este é o cerne da prática de Jesus. Na mesma linha, as pessoas enviadas por Jesus e agilizadas pelo Espírito, dão continuidade à mesma missão, proclamada e realizada por Jesus.

Lc 4,16-21

Mc 3,13-19

Is 52,6

“Sê um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo, e não sossegues até que tenhas levado a palavra de Deus a todos os recantos da terra” (DE I 182,3)“.

Sub-tema III

A PRÁTICA DO SALVADOR A SERVIÇO DA MISSÃO

Introdução

A missão que nasce da experiência de Deus é central na espiritualidade salvatoriana. O conhecimento de Deus Salvador e de seu enviado, Jesus Cristo, penetra toda a nossa vida e nos leva a proclamar essa experiência de vida plena. Assim, o agir salvatoriano brota de nosso ser (cf Jo 17,3; Mt 28,19-20).

1. Sensíveis à realidade

Um primeiro aspecto, na prática de Jesus, é sua sensibilidade diante da realidade do povo. A leitura orante da realidade é muito importante na vida apostólica do seguidor e da seguidora de Jesus. Para ser eficaz, a missão salvatoriana requer uma profunda sensibilidade frente à realidade global das pessoas.

1.1. Acolhendo as pessoas

Na maneira de se relacionar com as pessoas, Jesus nos revela uma atitude básica. Acolhe a todos, sem exceção, com uma sensibilidade que revela o amor divino. Não importa a posição social, o poder econômico, ou gênero, ou qualquer outra diferença. O Evangelho está repleto de exemplos que revelam a atitude acolhedora de Jesus diante da pessoa humana.

Mc 10,14 Mt 26,6-13 Jo 3,1-21

“Adapta-te sempre à sensibilidade das pessoas com as quais te relacionas” (DE I 15,1). “Consola os aflitos, particularmente aqueles que sofrem psicicamente” (DE II 5,2).

missão⁴⁰. Na revista salvatoriana, ‘O Missionário’, se lê que o papel da imprensa católica é convocar “à conversão”⁴¹. Até hoje, a Família Salvatoriana continua reunindo “...*todos aqueles que levam a sério a conversão para Deus e a salvação...*”⁴².

3.2. Liberdade de decisão

Conversão não acontece sem a participação ativa e livre da pessoa. Deus convida a pessoa, mas ela precisa responder pessoalmente. Em contraste com a costumeira prática humana, Deus nunca impõe sua vontade. Convida, acompanha e celebra nossa resposta positiva. Ele age assim, porque amor verdadeiro só existe na liberdade. O jovem rico sai de seu encontro com Jesus mais triste e mais pobre porque não consegue fazer uma opção transformadora⁴³. Ele rejeita a dinâmica do amor, capaz de transformar seu ser. Hoje, encontramos muitas pessoas como ele, paradas diante de decisões importantes. Correm atrás de toda sorte de novas possibilidades, mas não são capazes de tomar decisões definitivas. Com medo de deixar tudo para ganhar a vida plena, se condenam a uma vida frustrada, de permanente adolescência. O ato de escolha livre define a vida e permite dar passos significativos de amadurecimento. A vida adulta deslança a partir do ‘sim’ a um caminho. Ao lado desse ‘sim’ existe o ‘não’ dado às demais possibilidades.

O apóstolo Paulo enfatiza a experiência de liberdade na vida e a maturação dos filhos e filhas de Deus⁴⁴. Somos livres “...em Jesus Cristo”⁴⁵. Assim devemos viver “...segundo o Espírito”⁴⁶. O exercício da liberdade numa vida convertida

40 Cf CIP 3,7; 4,5; 1,8

41 CIP 11,36

42 CIP 11,38

43 Cf Mc 10,17-22

44 Cf Gl 5,1-26

45 Gl 2,4

46 Gl 5,16

nos transforma em testemunhas vivas de Deus⁴⁷. Paulo continua: *“É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai. Pois, o Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade. E nós todos que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito”*⁴⁸. Assim vivemos uma fé adulta, fazendo a caminhada de opções cada vez mais transformadoras⁴⁹.

Em contraste com o jovem rico, Pe. Jordan se doa totalmente ao seguimento de Jesus Cristo: *“Obediência ___ calma ___ decisão ___ não forçar ___ fazer tudo com a máxima perfeição possível ___”*⁵⁰. Em seu Diário Espiritual, podemos acompanhar o processo de sua decisão de fundar a Família Salvatoriana: *“Firmeza e decisão”*⁵¹. Antes de sua viagem à Terra Santa, em janeiro de 1888, ele escreve: *“É vontade de Deus que executes a obra ... Tua vocação de fundar... é moralmente certa”*⁵². Apesar das dificuldades encontradas no caminho, o Fundador está firme e disposto a tomar decisões: *“Feita previamente a reta intenção, decidi pôr mãos à obra, com a ajuda de Deus”*⁵³. A resistência das autoridades necessita muita criatividade para continuar, mas seu lema é: *“Crê, espera, confia, ama e vá em frente”*⁵⁴. A visão que sustenta a firmeza de Pe. Jordan é a transformação do mundo. A Sociedade Apostólica Instrutiva (SAI): *“pretende ajudar a transformar muitos cristãos em católicos autênticos...”*⁵⁵. Para

47 Cf 2 Cor 3,2-3

48 2 Cor 3,16-18

49 Cf 1Cor 13,11

50 DE I 99,5

51 DE I 161,3

52 DE I 151*, 4-5

53 DE II 100,2

54 DE I 211,2

55 CIP 11,29

3.2. Liberdade de decisão

Conversão não acontece sem a participação livre e ativa do ser humano. Deus nos convida, e nós precisamos responder pessoalmente. Deus nunca impõe sua vontade. Ele convida, acompanha e celebra nossa resposta positiva. Ele age assim porque amor verdadeiro só existe na liberdade. A vida adulta deslança a partir do “sim” a um caminho. Ao lado desse ‘sim’ existe o ‘não’ dado às demais possibilidades.

Mc 10,17-22

Gl 5,1-26

2Cor 3,16-18

“Obediência ___ calma ___ decisão ___ não forçar ___ fazer tudo com a máxima perfeição possível” (DE I 99,5). “Firmeza e decisão!” (DE I 161,3). “Feita previamente a reta intenção, decidi pôr mãos à obra, com a ajuda de Deus” (DE II 100,2). “Crê, espera, confia, ama e vá em frente” (DE I 211,2).

Conclusão

Concluimos esta meditação sobre o ser do Salvador, confirmando a centralidade da experiência de Deus Salvador na espiritualidade cristã. Para crescer em nossa vocação salvatoriana, é preciso conhecer o Deus da Vida. Queremos assumir, com entusiasmo, a dinâmica necessária para acolher Aquele que vem ao nosso encontro.

2.2. Da realidade conflitiva

A experiência de Deus tem um impacto significativo em meio às realidades conflitivas. Diante da morte, aprendemos a mergulhar na vida partilhada por Deus. Jesus insiste que o confronto com a morte faz parte do crescimento humano. A vida de Cristo certamente confirma que nunca podemos escapar da realidade conflitiva.

Sl 7 Sl 40 Jo 12,24

“Não temais, porque a Guerra não é vossa, mas de Deus” (DE I 163,2; cf 2Cr 20,15). “As obras de Deus só prosperam à sombra da cruz” (DE I 163,6).

3. Opção transformadora

A experiência profunda de Deus conduz ao crescimento humano. É um processo integral e integrativo, que exige conversão. Central nesse processo é a liberdade de escolha. Assim, a experiência autêntica de Deus Salvador conduz à opção transformadora.

3.1. Processo de conversão

Para seguir os passos de Jesus, precisamos entrar em processo de conversão. Isto requer uma opção radical. Crer na Boa Nova é assumir uma mudança de vida. A partir da experiência de Deus, as pessoas mudam. A conversão nos reorienta rumo à plenitude do ser.

Mc 1,14-15 Lc 24,45-48 Fl 1,9-11

“Por minha vida, diz o Senhor, não quero a morte do pecador, mas, antes, a sua conversão, de modo que tenha a vida” (DE I 177,2; cf Ez 33,11). “Ela (a Sociedade) pretende unir todos aqueles que levam a sério a conversão para Deus e a salvação das almas” (CIP 11,38).

ele, a Eucaristia é alimento que confere força apostólica, coragem, zelo e entusiasmo, capaz de *“transformar famílias inteiras, comunidades e até mesmo reinos e povos inteiros!”*⁵⁶.

Conclusão

Concluimos nossa meditação sobre o ser do Salvador, confirmando a centralidade da experiência de Deus na espiritualidade salvatoriana. Para crescer em nossa vocação salvatoriana precisamos conhecer o Deus da vida. Queremos assumir, com entusiasmo, a dinâmica necessária para acolher Aquele que vem ao nosso encontro.

56 CIP 7,16

III. A PRÁTICA DO SALVADOR A SERVIÇO DA MISSÃO

Introdução

A missão, que nasce da experiência de Deus, é central na espiritualidade salvatoriana. O conhecimento de Deus Salvador e de seu enviado, Jesus Cristo, penetra toda a nossa vida salvatoriana e nos leva a proclamar essa experiência de vida plena. Assim, o agir salvatoriano brota de nosso ser, que é profundamente tocado e transformado pelo Deus da Vida. Na terceira fase dos retiros salvatorianos, vamos aprofundar mais este envio para proclamar a vida plena, a salvação. Aqui queremos iniciar nossa meditação sobre esse elemento-chave do compromisso assumido pela Família Salvatoriana.

1. Sensíveis à realidade

Um primeiro elemento na prática de Jesus Cristo é sua sensibilidade diante da realidade ou, em outras palavras, sua capacidade de ler os sinais dos tempos⁵⁷. Como já vimos, a dinâmica dessa leitura orante da realidade é importante na vida apostólica do seguidor e seguidora de Jesus Cristo. Para ser eficaz, a missão salvatoriana requer uma profunda sensibilidade frente à realidade global das pessoas com as quais trabalhamos e frente ao mundo no qual estamos inseridos(as).

1.1. Acolhendo as pessoas

A partir de sua maneira de se relacionar com as pessoas, Jesus nos mostra uma atitude básica. Não há dúvida, ele acolhe todo mundo, com uma sensibilidade que revela o amor divino. Não importa a posição social, o poder econômico, o gênero, ou qualquer outra diferença. Jesus se abre a todos e a todas que vêm ao seu encontro. Não permite

⁵⁷ Cf Mt 16, 1-4

1.2. Visão de fé

No silêncio interior, podemos nos abrir à visão de fé. No encontro com Deus, nossos olhos, ouvidos e coração estão sintonizados com a verdade. O sonho de Deus é visto e escutado de novo. O coração arde com a possibilidade de vida plena para todos. Com o olhar contemplativo, podemos enxergar a realidade, sem distorção.

Lc 24,32

Jo 21,7

1Rs 19,9-15

“Contempla tudo à luz da fé. Todo o teu pensar, falar e agir seja motivado neste sentido. O justo vive da fé” (DE I 136,5-6). “Contempla na fé as obras divinas” (MM, CIS 43,50).

2. Dinâmica integradora

O conhecimento do Deus Salvador não se limita ao nível intelectual, mas envolve todas as dimensões do ser. Fé e vida são inseparáveis. A fé suscita uma dinâmica integradora na nossa vida.

2.1. Da experiência humana

O salmo 139 mostra como o encontro com Deus faz acontecer a dinâmica de integração humana. A percepção de ser conhecido por Deus é uma experiência formidável. Nesse processo, Deus nos conquista e nossa vida é iluminada por uma nova luz integradora. A dinâmica do amor faz amadurecer o compromisso apostólico.

Sl 139

Jo 21,15-19

“Nós somos o sal da terra e a luz do mundo. Por isso, precisamos da oração para exercermos, com fruto, nosso apostolado e para não nos tornarmos como que “címbalos que tinem” (PE 29). “Quem não tem caridade para com o próximo, de nenhum modo deve assumir o múnus da pregação” DE I 163*,6).

Sub-tema II**SER DO SALVADOR A EXPERIÊNCIA DE DEUS****Introdução**

Seguindo os passos de Cristo Salvador, encontramos os elementos-chave de nossa espiritualidade salvatoriana. O primeiro deles é a experiência de Deus. Em outras palavras, nós precisamos contemplar e conhecer o próprio ser do Salvador. Não podemos penetrar o segredo da vida, sem conhecer o Deus verdadeiro. A principal fonte bíblica de nosso carisma é o próprio ser do Salvador (*Cf Jo 17,3*).

1. Olhar contemplativo

Deus olha para a criação com ternura. Ele olha com amor especial para o ser humano, criado à sua imagem e semelhança. Com o dom de seu olhar contemplativo embutido em nós, podemos conhecer Deus, no sentido mais amplo da palavra.

1.1. Silêncio interior

Infelizmente não é fácil viver com o olhar contemplativo funcionando bem. A vida cotidiana apresenta muitas facetas complicadas e óticas enganadoras, que podem obscurecer o olhar. A experiência do deserto ensina a enxergar com olhos novos. Nela se descobre o Deus da vida e seu projeto original. Jesus vive assim.

Dt 30,14

Mc 1,38

“Ainda que estejas sobrecarregado de trabalhos, a serviço do bem, comunica-te, diariamente, durante algumas horas, com o bom Deus, por meio da oração compenetrada e da meditação, ou então, enquanto possível, por meio da contemplação, a fim de conservares ou recuperares o verdadeiro silêncio interior e a serenidade de espírito” (DE I 65,5-66,1).

que os adultos afastem as crianças, mas diz: *“Deixai as crianças virem a mim”*⁵⁸. Consente que uma mulher lhe unja a cabeça, não obstante a indignação dos discípulos⁵⁹. Conversa, à noite, com um fariseu medroso, que busca a verdade⁶⁰. Sim, o Evangelho está repleto de muitos exemplos que revelam a atitude acolhedora de Jesus diante da pessoa humana.

A prática salvatoriana se fundamenta nessa atitude de Jesus Cristo. A mensagem de vida plena para todos(as) presuppõe um acolhimento da pessoa humana em sua globalidade e em seu contexto de vida. Nas primeiras páginas de seu diário, Pe. Jordan escreve: *“Adapta-te sempre à sensibilidade das pessoas com as quais te relacionas”*⁶¹. As Regras do Apostolado de 1884 expressam que a missão salvatoriana é direcionada a todas as pessoas, com atenção especial aos pequenos⁶². Este enfoque abre o leque da globalidade de nossa missão, enquanto indica que devemos atingir aqueles que se encontram à margem da consciência social. Pe. Jordan também se mostra sensível às necessidades globais da pessoa humana: *“Consola os aflitos, particularmente aqueles que sofrem psiquicamente”*⁶³. Os poemas de Madre Maria refletem a mesma preocupação para com a vida de todas as pessoas, *“porque ama a humanidade”*⁶⁴.

1.2. Respeitando as culturas

Além de valorizar cada indivíduo em sua globalidade, Jesus Cristo também respeita as diferentes culturas, presentes nas pessoas com as quais se relaciona. O fechamento rígido do judaísmo da capital, Jerusalém, não deixa marcas fortes

58 Mc 10,14

59 Cf Mt 26,6-13

60 Cf Jo 3,1-21

61 DE I 15,1

62 CIP 5, 22; 26, 7

63 DE II 5,2

64 Cf CIS 43, 21

em Jesus. É provável, que sua infância, na Galiléia, lhe tenha proporcionado maior contato com outras culturas. Sabemos que ele se sente à vontade quando se encontra com pessoas diferentes. Está pronto para curar o servo do oficial romano, e exclama: *“em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé”*⁶⁵. Seu encontro com a Samaritana acontece porque ele não segue a costume dos judeus de não passar pelo território dos “hereges”. Jesus acolhe a Samaritana e, em meio à conversa, indica que, no futuro, *“nem neste monte (Garizim) nem em Jerusalém adorareis o Pai”*⁶⁶.

Depois de Pentecostes, com a advocacia do Espírito Santo, o respeito às diversas culturas dá um passo significativo. Através da ação do Espírito, pessoas de várias religiões e culturas começam a crer em Cristo ressuscitado. As barreiras culturais caem. Pedro proclama: *“Verifico que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável”*⁶⁷. Também Paulo evangeliza fora da sinagoga, e inicia o processo de inculturação da fé cristã no mundo grego-romano. Em sua carta aos Gálatas, ele cita uma fórmula batismal já conhecida, que denota respeito às culturas: *“Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois, todos vós sois um só em Cristo Jesus”*⁶⁸.

Sabemos bem, como Pe. Jordan insiste no respeito às culturas diferentes. Para ele, a Família Salvatoriana deve ser marcada por este espírito. Nosso amor *“...deve abraçar todas as pessoas. Este amor universal é de modo especial e específico, característica de nossa Sociedade, destinada a todos os povos”*⁶⁹. **Mais adiante vamos tratar deste aspecto**

65 Mt 8, 5-13

66 Jo 4, 21

67 At 10, 34-35

68 Gl 3,28; Cf Cl 3,11.

69 PE 126

Conclusão

Cristo Salvador inspira nossa vida. Nele descobrimos o Deus único e verdadeiro, a Trindade santa. Ele abre o caminho de inserção histórica com um amor radical, capaz de transformar o mundo. **Queremos conhecer melhor nosso modelo Jesus e caminhar com ele.** Assim poderemos realizar o sonho de um mundo melhor.

3. Leitura orante da realidade

Jesus nos ensina a fazer a leitura orante da realidade e a desenvolver a missão, enraizados(as) na realidade do povo. Ele sabe ler e rezar os sinais dos tempos (*Mc 1,15*). *Nossa missão necessita do mesmo alicerce.*

3.1. Com os pés no chão

Deus age na história humana. Jesus acredita nisto. Está sempre com os pés no chão da vida. Primo e discípulo de João, Jesus fica chocado com a prisão do mesmo. A partir desse momento, faz uma leitura orante da realidade e se lança em missão.

Jt 9,4-6

Mc 1,14-15

“E tu, Alemanha, por que resistes ao teu Deus?” (DE I 1,10). “Quantas crianças se tornam vítimas da ignorância, sendo devoradas pelos espíritos infernais, quais flores em gélida noite de inverno” (DE I 58,4).

3.2. Na ótica dos valores evangélicos

A leitura orante ilumina os acontecimentos. Os valores evangélicos geram o valor básico, que é vida, vida plena. As bem-aventuranças anunciam a presença do Reino e indicam a transformação que ele produz. Jesus nos ensina como viver à luz dessa ótica.

Jo 10,10

Mt 5,1-12

“A regra de vida desta Ordem é: observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo...” (CIP 5,20).”Diariamente te mostras para nos ensinar. bondoso Salvador! Queremos tua voz fielmente escutar... O teu exemplo queremos seguir” (CIS 43,48).

da universalidade. Aqui queremos reforçar a insistência do Fundador de que todo Salvatoriano e Salvatoriana deve ser sensível às diferentes culturas.

2. Enviados e enviadas para anunciar

Jesus envia apóstolos e apóstolas para anunciar a mensagem da salvação. Depois de permanecer em sua companhia por um certo tempo, ele os envia para darem continuidade à missão por ele iniciada⁷⁰. Esta grande vocação e missão também é nossa e de todos cristãos: *“Ide, por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”*⁷¹. A prática, o agir do cristão, deve estar sempre a serviço da missão.

2.1. A Boa Nova da salvação

A Boa Nova anunciada por Jesus dá continuidade à linha da proclamação profética de Isaías. *“O espírito do Senhor está sobre mim, ... enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres...”*⁷². Depois de ler este texto na sinogoga de Nazaré, Jesus declara: *“Hoje se realizou essa Escritura que acabastes de ouvir”*⁷³. A leitura dos dois textos não deixa dúvida. A Boa Nova proclama a vida plena, a salvação para todos. Este é o cerne da prática do Salvador, da missão do Filho encarnado. Na mesma linha, as pessoas enviadas por Jesus e agilizadas por seu Espírito dão continuidade à mesma missão. A vida do apóstolo e da apóstola de todos os tempos pode ser caracterizada assim: *“Quão graciosos são, sobre os montes, os pés do mensageiro do que proclama a boa nova!”*⁷⁴.

Pe. Jordan descreve seu sonho relativo à Família Salvatoriana: *“Eis os santos Apóstolos, percorrendo o universo*

⁷⁰ Cf Mc 3,13-19

⁷¹ Mc 16,15; Cf Mt 28,19

⁷² Is 61,1

⁷³ Lc 4, 21

⁷⁴ Is. 52,7; Rm 10, 16

e evangelizando a todos!”⁷⁵. O zelo apostólico do Fundador é impulsionado por esta visão. Ele está convicto de que a Boa Notícia deve ser anunciada em toda parte: “*Sê um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo, e não sossegues até que tenhas levado a palavra de Deus a todos os recantos da terra*”⁷⁶. As cartas do Fundador às Irmãs também refletem isto: “... fique profundamente inbuída de genuíno espírito apostólico e de zelo. Na verdade, nenhum limite deve ser posto a teu zelo apostólico ... Apostolado! Apostolado!”⁷⁷. Não há dúvida, a missão de anunciar a Boa Nova é central na espiritualidade salvatoriana.

2.2. Insistentemente, a todos

Muitas vezes as pessoas, que se sentem enviadas pelo Espírito para anunciar uma mensagem, são marcadas por uma certa insistência. O profeta Jeremias fala de uma voz que queima dentro dele: “*Quando eu pensava: ‘Não me lembrarei dele; já não falarei em seu Nome’; então isso era em meu coração como um fogo devorador, encerrado em meus ossos. Estou cansado de suportar, não posso mais!*”⁷⁸. São Paulo também se sente assim: “*Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!*”⁷⁹. A paixão brota do chamado divino e do envio em missão. A insistência não vem apenas da força humana, mas, antes, da inspiração do Espírito de Deus⁸⁰.

Nós Salvatorianos e Salvatorianas estamos conscientes da linguagem insistente do Fundador, quando fala da missão. Talvez as palavras do início da segunda parte do *Diário Espiritual* sejam mais conhecidas: “*Enquanto ainda houver sobre a terra um único ser humano que não conhece a Deus e não O ama sobre todas as coisas, não poderás sossegar por um*

75 DE I 138, 6

76 DE I 182, 3

77 DSS X,186

78 Jr 20,9

79 1Cor 9,16

80 Cf 2 Pd 1,21

Jo 17,20-26

2Cor 13,5

Gl 2,20

“Nosso principal empenho seja, pois, o de meditar sobre a vida de Jesus Cristo” (DE I 52,1). “Se quereis, pois, santificar-vos, deveis tornar-vos semelhantes ao vosso divino Modelo. Destes já um grande passo neste sentido” (PE 25)

2.2. Inserção na história

Em Jesus, a palavra de Deus se faz carne. A implicação é formidável. Deus habita entre nós, assumindo carne e osso, tornando-se um de nós. E, inserido na história, ele se incultura. Assume os valores presentes em sua cultura, e desafia os anti-valores.

Jo 1,14

Fl 2,6-11

“Senhor Jesus Cristo, recebe a minha vida e tudo o que possuo!... Eis-me aqui, envia-me! Faça-se a tua vontade!” (DE I 146,1.6). “Haja particular empenho em popularizar as verdades teológicas, tornando-as, assim, acessíveis ao povo!” (DE I 118,5).

2.3. Amor até o fim

Deus irrompe na história com amor e por amor. A vida de Jesus nos mostra como viver amor verdadeiro em situações concretas. Jesus abre a possibilidade de amizade com ele, com Deus. Sua amizade está intimamente ligada ao amor extremo, amor até o fim. Cristo ama assim e nos convida a seguir seus passos.

Jo 13,1-15

Jo 13,34-35

Jo 15,13

“Os maiores amigos de Jesus são aqueles de Jesus,4) são aqueles, dos quais ele exige maiores sacrifícios” (DE I 200,4).

Mc 1,16-20 Mt 28,19-20 Mc 16,15

“Sê um verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo, e não sossegues até que tenhas levado a palavra de Deus a todos os recantos da terra. Sê um autêntico arauto do Altíssimo!” (DE I 182,3). (CIS 43,52).

1.3. Energizada pela ação do Espírito Santo

Jesus nasce de Maria, pelo poder do Espírito Santo. O Espírito o conduz ao deserto e o unge para a missão. Em Pentecostes, o Espírito Santo desce sobre a comunidade apostólica. Ele continua energizando os seguidores e as seguidoras de Jesus.

Lc 4,14-21 At 2,1-47

“Somos chamados para o apostolado... chamados para anunciar a Palavra de Deus... Que resultados podemos alcançar, se não formos iluminados e guiados pelo Espírito Santo?” (PE 52-53). “Levanta-te como um fogo!” DE II 44,5).

2. Mística de encarnação transformadora

João 17,3 também nos alerta sobre a importância da encarnação de Jesus. A encarnação do Filho na história muda tudo. Com a encarnação, a ação divina toma um rumo novo. Ela abre para nós uma mística capaz de transformar a vida, a partir de dentro.

2.1. Identificação com Cristo Salvador

Na encarnação do Filho, encontramos a chave para uma mística transformadora. Jesus se identifica conosco e nos abre a possibilidade para nossa identificação com ele. Ele nos capacita a viver uma mística transformadora.

*instante sequer*⁸¹. Estes mesmos sentimentos encontramos também em muitos outros escritos de Pe. Jordan. A Regra do Apostolado dos Salvatorianos, de 1884, está particularmente caracterizada por verbos insistentes: “...proclamai a palavra de Deus, insisti no tempo oportuno e inoportuno, repreendei, suplicai, exortai com toda paciência e doutrina. Ide anunciar, com destemor, ao povo toda palavra de vida eterna; anunciai e escrevei a todos, sem cessar, a doutrina celeste.... Não cesseis, dia e noite, de exortar a cada um, até mesmo com lágrimas. Não retenhais nada do que é útil, para anunciardes a todos a doutrina de Deus, instruindo-os publicamente e de casa em casa”⁸². Poderíamos citar muitos outros exemplos da paixão do Fundador pela missão. Com certeza, podemos dizer que este assunto é de suma importância para a Família Salvatoriana, hoje e em todos os tempos.

3. Comprometidos e comprometidas com a vida

Deus se compromete com a vida de sua criação, desde o início. A Bíblia mostra como essa consciência se desenvolve. Na caminhada do povo de Israel, encontramos um Deus que partilha a vida e procura resgatá-la nas situações de perigo. Jesus confirma o compromisso divino com a vida, quando diz: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância”⁸³. Assim podemos dizer que o compromisso com a vida é essencial na prática do Salvador e, com isso é também imprescindível na espiritualidade salvatoriana.

3.1. Dom de Deus a ser partilhado

No livro do Gênesis, as duas histórias da criação têm uma mensagem comum: a vida é um dom gratuito de Deus⁸⁴. E o livro do Eclesiástico afirma que Deus entrega ao povo a

81 DE II 1,1

82 CIP 5, 22

83 Jo 10,10

84 Cf Gn 1-2

Lei da Vida como herança⁸⁵. Mais tarde, no Novo Testamento, a parábola do bom Pastor elabora mais este assunto para explicar o compromisso de Jesus para com a vida⁸⁶. Aqui, Jesus diz que ele, o bom Pastor, vai dar sua vida pelo povo: “*Eu dou a vida por minhas ovelhas*”⁸⁷. Um importante fio-de-ouro, que perpassa a revelação bíblica é que Deus Salvador partilha sua vida conosco.

No início da fundação, a citação de *Jo 17,3*, com frequência, revela a preocupação de Pe. Jordan com a vida verdadeira do povo. Ele entende que o mundo oferece fontes de vida, mas fontes falsas. A verdadeira fonte de vida é o Deus da Vida, e a Família Salvatoriana tem a missão de proclamá-la: “*Ide anunciar, com destemor, ao povo toda palavra de vida eterna... não vos esquiveis de anunciar todo o desígnio de Deus...*”⁸⁸. A mesma preocupação com o resgate da vida também aparece nos escritos de Madre Maria: “*Agora diariamente minha vida irei doar, para o irmão poder salvar!*”⁸⁹.

3.2. Vista em seu contexto global

Jesus Cristo proclama a vida eterna em seu contexto global. Ele se preocupa com todos os aspectos da vida humana. As respostas dele às necessidades do povo são muito amplas. Sua mensagem de salvação está intimamente ligada à saúde e à vida plena do povo. Em Jesus existe integração plena entre a vida espiritual do povo e sua condição de vida. Ele se expressa assim: “*Que é mais fácil dizer: ‘Teus pecados estão perdoados’, ou: ‘Levanta-te e anda?’*”⁹⁰. Jesus mesmo faz esta ligação quando, na sinagoga de Nazaré, identifica sua missão com a citação de Isaías: “*...proclamar a remissão*

85 Cf Eclo 17, 9

86 Cf Jo 10,1-18

87 Jo 10,15

88 CIP 5,22

89 CIS 43,20

90 Lc 5,22

Sub-tema I

JESUS CRISTO NOSSO MODELO INSPIRADOR

Introdução

Jesus é nosso modelo inspirador. Vamos, pois, iniciar o aprofundamento da espiritualidade salvatoriana com a pessoa de Jesus. Nele encontramos a força necessária para assumir a missão.

1. Raiz trinitária de nossa espiritualidade

Assumindo Jesus como modelo, descobrimos toda a Trindade divina. Ele nos leva ao encontro com o Pai e o Espírito Santo. A experiência de Deus uno e trino em Jesus é a base da espiritualidade salvatoriana.

1.1. Enraizada na experiência de Deus Salvador

Através de Jesus, entendemos que Deus é Pai, o “**Abbá**” misericordioso. Jesus nos revela o Deus que geme, suspira e dá à luz seus filhos e filhas. Ele é o Pai que espera, todos os dias, a volta do filho perdido, e a Mãe que nunca esquece a criança de suas entranhas. Jesus se identifica com o Pai.

Lc 15,11-32

Is 49,14-16

Jo 10,30

“Pai, faze com que eu doe a minha vida por ti e pelas almas resgatadas por preço tão elevado! Pai amantíssimo, vê, elas se encontram nas sombras da morte, e não te conhecem!” (DE I 12,1-3).

1.2. Comprometida com a missão de Jesus Cristo

Jesus nos chama para assumir a vida apostólica. O objetivo da comunidade é sempre o crescimento do Reino de Deus. Jesus envia os seguidores e seguidoras de todos os tempos para darem continuidade à sua missão. Quem segue os passos de Jesus, se compromete a ser apóstolo e apóstola.

*ardentemente salvar a todos!*¹⁹¹. Com ele, rezamos também nós: *“Senhor, que eu esteja sempre abrasado de um grande amor por ti, e que eu inflame a todos. Que eu seja um facho que arde e ilumina”*¹⁹²

191 DE II 12,2.4-5
192 DE III 20,2

*aos presos, e aos cegos a recuperação da vista...*⁹¹. E afirma que é ungido e enviado exatamente para anunciar essa Boa Notícia. Sua resposta a João Batista vai na mesma linha: Vejam as obras, voltadas para uma vida mais abundante, e saberão quem eu sou⁹². Tudo o que Jesus prega e faz, está voltado para a vida plena do povo. Até a parábola central em Lucas, do Pai misericordioso, indica a preocupação de Deus Salvador para com a vida em sua globalidade. Na parábola, o pai representa Deus em toda sua ternura. Suas palavras são muito importantes: *“...este teu irmão estava morto e reviveu...”*⁹³.

Mais uma vez, voltemos nossa atenção para as citações bíblicas, usadas freqüentemente pelo Fundador, a fim de captarmos melhor sua compreensão global de vida eterna. Repetidamente, ele faz seguir a citação de *Jo 17,3* daquela de *Dn 12,3*: *“Os que são esclarecidos resplandecerão, como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça, hão de ser como as estrelas, por toda a eternidade”*. Na Regra do Apostolado das Irmãs, em 1884, encontramos uma elaboração deste texto. A missão salvatoriana deve sustentar a vida global das pessoas, sobretudo das mais necessitadas: *“...os miseráveis, os doentes, os pobres...”*⁹⁴. Essa globalidade é reforçada com a referência, no mesmo parágrafo, da parábola do juízo final, onde a separação final é feita segundo a resposta às necessidades globais do povo⁹⁵. Podemos concluir, que a missão salvatoriana realmente está comprometida com a vida plena e global do povo. Assim deve ser nossa prática.

91 Lc 4,18-19
92 Cf Mt 11,1-6
93 Lc 15,32
94 CIP 26,7
95 Cf Mt 28,31-46

Conclusão

A prática do Salvador serve de inspiração para a missão salvatoriana. Nesta visão sintética da espiritualidade salvatoriana, confirmamos a centralidade da missão em nossa vida. Seguindo os passos de Cristo Salvador, queremos ser mais sensíveis à realidade e mais comprometidos(as) com a vida plena para todos. Dessa maneira, vamos proclamar a Boa Nova da salvação, com mais nitidez e transparência, através de todo nosso ser e agir.

excluídos da sociedade, e declara que o Pai é misericordioso e quer justiça mais do que sacrifício¹⁸⁵. Pe. Jordan nos adverte: *“Suspeito que não possamos levar vida religiosa engajada no mundo, sem assumir, ativamente, a causa do pobre, do doente, etc.”*¹⁸⁶.

De Jesus aprendemos que o dinamismo da solidariedade e do amor universal começa a acontecer, quando damos espaço para que o outro entre na nossa vida, reconhecendo-o como *próximo* e amando-o como a nós mesmos¹⁸⁷. Empenhando-nos seriamente em anunciar a mensagem salvífica de fê, amor, justiça e solidariedade a todos, com amor preferencial pelos pequenos e marginalizados, temos a certeza de estar colaborando para que o amor solidário de Jesus se torne presente na vida das pessoas e na sociedade. Pe. Jordan se propõe decididamente: *“Até a morte, lute pela justiça!”*¹⁸⁸

Concluindo

O amor universal é uma marca característica da Família Salvatoriana. Exige-o nossa condição de filhos de Deus. Exige-o nossa vocação de sermos imagem e semelhança de Deus¹⁸⁹. Exige-o a fidelidade ao projeto de Deus, no seguimento de Jesus Cristo, a exemplo dos Apóstolos. Pe. Jordan expressa, com vigor, este aspecto de nossa espiritualidade, e nos ordena: *“Ide em nome do Altíssimo, e inflamai a todos!”*¹⁹⁰. E, em tom profético, exclama: *“Eis-me aqui, envia-me_ por ti, pelas almas, para o bem da Igreja de Deus. A todos, ó Pai. A todos, ó Pai; a todos, ó Jesus; a todos, ó Salvador do mundo; desejo*

185 cf Mt 9,13

186 DE I 105,1

187 cf Lc 10,33-35

188 DE I 99,4

189 cf Gn 1,27

190 DE II 21,1

que se perdeu, até encontrá-la?”¹⁷⁸ Jesus prioriza a ovelha perdida, no intuito de lhe assegurar as mesmas chances de bem-estar que as demais têm. “Eu não vim chamar justos, mas pecadores”¹⁷⁹ Ele não vem para os justos, mas para os pecadores. Por isso, a exemplo de nosso Divino Mestre, também nós priorizamos a vida ameaçada. É questão de justiça.

Neste contexto, Pe. Jordan cita, com frequência, o profeta Daniel: “Os que são esclarecidos resplandecerão, como o esplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas, por toda a eternidade”¹⁸⁰. A justiça de Deus se norteia pela misericórdia para com os mais necessitados de salvação. Por isso, Pe. Jordan nos ordena: “Ensinai todos os povos, especialmente os pequeninos...”¹⁸¹. E, explica o que ele entende por ‘pequeninos’: “Deixai vir a vós os pequeninos, tornando-vos para eles mães espirituais... Pois, ‘aqueles que tiverem ensinado a muitos o caminho da justiça, luzirão como as estrelas por toda a eternidade’¹⁸². A fim de conquistar todos para Deus, sede também mães espirituais para os miseráveis, os doentes, os pobres, nos quais deveis ver o próprio Cristo”¹⁸³.

2.2. **Solidariedade universal**

Jesus, nosso Modelo, é o ser solidário por excelência. Ele torna visíveis a solidariedade e a misericórdia de Deus Salvador para com todos. Ele proclama a dignidade de todo o ser humano, e o coloca acima da simples observância da lei¹⁸⁴. Atribui, como feito a si, tudo o que é feito ao menor dos irmãos e irmãs. Não faz segredo do amor que o Pai nutre pelos pobres,

178 Lc 15,4

179 Mt 9,13

180 Dn 12,3

181 Regra do Apostolado para os religiosos salvatorianos, 1884, CIP 5,22

182 cf Dn 12,3

183 Regra do Apostolado para as religiosas salvatorianas, 1884, CIP 26,7

184 cf Mt 12,7-8

IV. METODOLOGIA DO SALVADOR MULTIPLICADORES DE APÓSTOLOS

Introdução

Uma das maiores experiências do Povo de Deus, no Antigo Testamento, é que Javé é um Deus Libertador e Salvador. Amante da vida, Ele nos envolve num misterioso processo de salvação. Na pessoa de Jesus, no Novo Testamento, este rosto de Deus transparece ainda com maior evidência. Como Família Salvatoriana, somos convidados(as) a nos inspirar em Jesus, Salvador do mundo. Ele é o Caminho que pretendemos seguir, a verdade que pretendemos anunciar e a vida que pretendemos viver.

1. Envolvimento de todos

Chamando-nos à vida, Deus Salvador nos confia responsabilidade pela criação⁹⁶. Pelo batismo, nós nos comprometemos a seguir Cristo Salvador, vivendo a vida nova e colocando-nos a serviço do Reino de Deus⁹⁷. A fim de podermos responder positivamente a este chamado, Deus nos cumula de dons. Ninguém possui todos os dons, e não há quem não tenha recebido dom algum⁹⁸. Por isso, ninguém se basta a si mesmo. Colocando os dons a serviço, todos se beneficiam com eles⁹⁹. Como no tempo de Jesus, também em nossos dias, só a partilha dos dons é capaz de saciar as multidões famintas¹⁰⁰. O projeto de Deus envolve a todos.

1.1. **Como vocacionados e vocacionadas**

Os dons de Deus nos são concedidos em vista da missão. Por conseguinte, em sua metodologia, Deus Salvador

96 Gn 1,28)

97 cf Rm 6,4

98 cf 1Cor 12,7-10

99 cf 1Cor 12,25-26

100 cf Jo 6,8-11

envolve as pessoas¹⁰¹. Ele não quer ver ninguém à toa na vida. Todo ser humano é vocacionado. Todos devem estar dispostos a se deixar envolver e a envolver outros no projeto de Deus, que é vida para todos¹⁰². Todos, homens e mulheres, leigos e leigas, religiosos e religiosas, somos chamados a ser cooperadores de Deus na obra da salvação¹⁰³. Aderir a esse chamado implica em ser sal que preserva e luz que ilumina¹⁰⁴, implica em se comprometer com o processo de libertação do ser humano: *“Os que são esclarecidos resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a muitos a justiça hão de ser como as estrelas por toda a eternidade”*¹⁰⁵. E isto tem seu preço. Jesus nos mostra isso de modo claro e sem rodeios¹⁰⁶.

Com sua profunda experiência de Deus, Pe. Jordan capta muito bem este modo de agir de Deus, e se sente chamado a torná-lo efetivamente presente na caminhada da Igreja¹⁰⁷. Discernindo a realidade de seu tempo, ele percebe que, para ser eficaz, a obra da evangelização requer um esforço comunitário: *“A obra do apostolado pode muito bem realizar-se por iniciativa individual, mas ela será mais eficaz se houver a união de muitos, cooperando para a mesma finalidade”*¹⁰⁸. Ele nos ensina a unir, efetivamente, o ardor apostólico à confiança na Divina Providência: *“E será que Deus não nos confiará muitas (almas) se, com ânimo, doação, zelo e entusiasmo, unirmos nossas forças numa opção conjunta, apoiados na oração e na ajuda recíproca?”*¹⁰⁹.

101 cf Mt 4,19-20; cf Jo 10,10

102 cf Jo 4,28-30

103 cf 1Cor 3,9

104 cf Mt 5,13-16

105 Dn 12,3

106 cf Mt 5,17-48

107 cf CIP 2b,17

108 CIP 11,12

109 CIP 23,23

Para ser eficaz, a ‘Sociedade’ deve envolver as mais variadas funções e todos os estados de vida presentes na Igreja: homens e mulheres, leigos e leigas, religiosos e religiosas... É um projeto que requer muita coragem e audácia. Para cumprir sua missão, a Família Salvatoriana, *“pretende ajudar a transformar muitos cristãos católicos em católicos autênticos, para que não só levem externamente este belo nome, mas que sejam repletos, em seu íntimo, da fé católica...”*. Para alcançar esta meta, *“eta também pretende animar e instruir os cristãos católicos para defenderem, com ânimo e habilidade, a santa fé”*¹⁷⁴

3. Vida plena para todos

O projeto de Deus Salvador é vida plena para todos¹⁷⁵. O ponto de partida, para esta visão universal de nosso Fundador é a pessoa humana necessitada. O objetivo é vida, vida plena¹⁷⁶, vida eterna para todos: *“Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo”*¹⁷⁷. Vida plena, vida eterna só encontramos no ‘conhecimento’, ou seja, na experiência do amor do Deus da vida. Trata-se de salvar a vida de tudo aquilo que a diminui, oprime, sufoca ou mata. Isto requer uma postura clara em favor do Reino de Deus, Reino de amor, de justiça, de solidariedade, de paz.

3.1. Opção pela vida ameaçada

Deus Salvador ama a vida, sem discriminar ninguém. Ele quer o bem e a felicidade de todas as suas criaturas. E, exatamente porque quer a felicidade de todos, ele dá atenção preferencial às pessoas mais necessitadas. Jesus se exprime assim: *“Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela*

174 CIP 11, 29-30.

175 Cf Jo 10,10

176 cf Jo 10,10

177 Jo 17,3

2.1. Igreja participativa

A visão eclesiológica de Pe. Jordan está voltada para a vida do ser humano. Para nos salvar, Jesus se encarna, e é por esta causa que Ele morre na cruz. E é também por esta mesma razão que existe a Igreja. A missão de dar continuidade à obra da salvação, em seu sentido holístico, não é nem pode ser reservada aos bispos, padres, religiosos e religiosas. Pelo contrário, Jesus confia esta missão à Igreja toda, inclusive aos leigos e leigas. Jesus não envia apenas os Doze¹⁶⁸, mas também os setenta e dois discípulos, leigos e leigas¹⁶⁹

Inspirando-se na história da salvação, Pe. Jordan vê a necessidade de renovar a vida da Igreja e do mundo. Por isso, explica seu fiel companheiro, Pe. Boaventura Lüthen SDS, a Sociedade pretende “animar todas as forças vivas da Igreja, no desempenho de sua vocação cristã”¹⁷⁰. Para uma Igreja viva e participativa é indispensável a presença e atuação dos leigos, homens e mulheres. Por esta razão, continua Pe. Boaventura Lüthen, “a Sociedade Apostólica Instrutiva acentua, com ênfase, este apostolado leigo, recordando aos superiores, aos pais, aos professores, enfim, aos que exercem qualquer tipo de liderança, o dever de consciência de exercerem o apostolado”¹⁷¹.

2.2. Família Salvatoriana

Para viabilizar a renovação da vida da Igreja a serviço da transformação da realidade sofrida da vida do povo, Pe. Jordan pensa numa ‘Sociedade’, a Família Salvatoriana, com a missão específica de atuar como fermento de transformação, inclusive no interior da própria Igreja¹⁷². Como o fermento faz crescer toda a massa do pão, assim esta ‘Sociedade’ deve fazer crescer e transformar toda a ‘massa’ do povo cristão, um tanto passiva, com o fermento do Evangelho¹⁷³.

168 cf Lc 9,1-6
 169 cf Lc 10,1-11
 170 CIP 20,6
 171 CIP 20,,21
 172 cf Mt 13,33
 173 cf 1Cor 5,6-8

1.2. Como membros ativos da Igreja

Como discípulos e discípulas de Jesus, somos chamados(as) a estar com ele e a nos deixar enviar por ele¹¹⁰. Somos chamados a participar ativamente da vida da Igreja, procurando envolver outros¹¹¹. Da mesma maneira como Jesus não quis agir sozinho, também nós não podemos atuar apenas isoladamente. Ser Igreja, para nós, é ser comunidade viva, comprometida com o anúncio da Boa Nova. Precisamos fazer frutificar os dons recebidos, colocando-os efetivamente a serviço¹¹². Somos responsáveis pela missão que Jesus nos confia¹¹³. De nada nos valerá a lacônica desculpa: “Senhor, sei que és um homem severo. Por isso enterrei o teu talento. Aqui tens o que e teu”!¹¹⁴.

Pe. Jordan capta muito bem este aspecto dinâmico da vocação cristã. Não podemos reduzir a vivência cristã à mera assistência ou à simples audição da Palavra. Pelo contrário, como Família Salvatoriana, cabe-nos “...animar todas as forças ativas da Igreja no desempenho de sua vocação cristã”¹¹⁵. Neste sentido, Pe. Boaventura Lüthen dirige um forte apelo “... aos superiores, aos pais, aos professores, enfim, aos que exercem qualquer tipo de liderança”, recordando-lhes “o dever de consciência de exercerem o apostolado”¹¹⁶.

Para Pe. Jordan, todos, clero, religiosos e religiosas, leigos e leigas devem ser apóstolos e apóstolas a serviço da Igreja. Raimundo Bianchi, em seu parecer sobre a Sociedade, em 1882, parece ter entendido muito bem a visão includente de Pe. Jordan, ainda que não pudesse concordar plenamente

110 cf Mc 3,13-14
 111 cf CIP 1111,38
 112 cf Mt 25,14-15; cf Lc12,42-44
 113 cf Lc 12,42-47
 114 cf Mt 25,25
 115 CIP 20,6
 116 CIP 20,21

com ela: “Ao primeiro grau são admitidos sacerdotes, leigos, e também as mulheres, porque, dizem que também a estas, da mesma forma como aos homens, se aplicam as palavras de são Paulo: ‘nós somos cooperadores de Deus’”¹¹⁷.

2. Formação para o compromisso

Jesus não costuma por panos quentes para atrair discípulos. Pelo contrário, ele apresenta exigências claras a quem quer que pretenda seguir seus passos¹¹⁸. Entre outras coisas, ele exige que as pessoas se desfaçam de eventuais amarras que possam dificultar ou mesmo obscurecer a dedicação ao anúncio da Boa Nova. A revitalização da vida cristã, segundo nosso Modelo Jesus Cristo, requer intensa formação para o compromisso e revisão constante dos critérios usados no processo. Esta é uma condição indispensável para podermos corresponder, como convém, à nossa missão e espiritualidade salvatoriana.

2.1. Elemento-chave para toda a catequese

O mundo de hoje tende a fugir de todo e qualquer compromisso. Em contrapartida, precisamos formar para o compromisso. Este é, sem dúvida, um elemento-chave para a catequese em nossos dias. Se nosso processo formativo não compromete com a vivência dos conteúdos adquiridos, não ajudamos a criar convicções profundas. E, sem convicção profunda, não existe perseverança na vocação. Dai a importância de saber apresentar exigências claras que comprometam as pessoas. O Apóstolo Paulo lembra: “Cristo não me enviou para batizar, mas, sim, para pregar o Evangelho”¹¹⁹. Falando assim, Paulo não pretende desvalorizar o batismo. É que só faz sentido batizar, quando a pessoa já está evangelizada. Administrar os Sacramentos, sem uma boa catequese básica, sem os ensinamentos fundamentais da

117 DSS XX.II, p. 55

118 cf Mt 19,21

119 1Cor 1,17

confiou aos seus Apóstolos foi a salvação da humanidade”¹⁶⁵
Por isso, não podemos absolutizar certas atividades, nem excluir outras. O critério básico para a escolha das atividades é a necessidade de mais vida para o povo.

Somos chamados(as) a privilegiar a vida, fazendo uso, em princípio, de todos os modos e meios viáveis e lícitos, que o amor de Cristo inspira. Não se trata, portanto, de fazer qualquer coisa, mas, sim, escolher as atividades de acordo com as necessidades e as possibilidades concretas. A obra de Pe. Jordan se assemelha a um amplo mutirão pela vida. Todos devem ser agentes de transformação, envolvendo a todos, fazendo uso de todos os modos e meios que o amor de Cristo inspira. Pe. Jordan se exprime assim: “Sirvam-se (os membros) cuidadosa e sabiamente no Senhor, do exemplo, das palavras, dos escritos, e de todos os modos e meios que a caridade de Cristo inspira, para manifestar a todos e glorificar em toda parte Deus Pai, seu Filho Jesus Cristo e o Espírito Santo, para salvar as almas imortais”¹⁶⁶.

2. Visão includente de Pe. Jordan

A vida do ser humano não pode ser reduzida a uma ou outra dimensão apenas. Ela precisa ser entendida em seu contexto global. Assim, para se ter vida plena não basta cuidar apenas dos valores espirituais ou sociais, separadamente. É preciso ter presentes todas as dimensões da vida humana. Olhando para o nosso Modelo, o Divino Salvador, Pe. Jordan se dá conta de que Ele liberta e salva as pessoas de tudo aquilo que as impede a ter vida plena. Liberta da doença, da cegueira, da paralisia, da fome, da exclusão social, do pecado, e proclama “bem-aventurado” a quem liberta da fome, da sede, da exclusão, da nudez, da doença, da prisão¹⁶⁷.

165 CIP 3,7

166 Regras de 1886, CIP 540

167 Mt 25,34-36

decididamente, para o Salvador do mundo: “... *observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo*”¹⁵⁹. E, no Evangelho, ele se detém, particularmente, nesta passagem: “*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos ...*”¹⁶⁰ Com efeito, o Divino Salvador não exclui ninguém, nenhum povo, nenhum país, nenhuma nacionalidade. Ele convida todos os povos e nações a serem discípulos e discipulas.

O ponto de partida, para Pe. Jordan, é sempre o Divino Salvador. É nele que nos inspiramos: “*Por sua grande misericórdia, o Divino Salvador nos chamou para que nos tornássemos suas imagens, nos assemelhássemos a ele o mais possível*”¹⁶¹. Este é um aspecto fundamental para a Família Salvatoriana, do qual Pe. Jordan não abre mão: “*Portanto, a Sociedade não se destina somente à Itália, mas a todas as nações... Devemos trabalhar entre povos cultos e incultos, entre civilizados e incivilizados. Nenhuma nação, nenhum povo, nenhuma classe social é excluída... Devemos trabalhar em toda parte onde houver almas*”¹⁶².

1.3. Com relação às atividades

A questão central é, pois, vida plena¹⁶³ para todas as pessoas, e para a pessoa toda, em todas as dimensões da vida humana. Jesus cuida da pessoa toda, e vem para salvar de tudo aquilo que impede ou dificulta vida plena¹⁶⁴. Precisamos dar atenção à pessoa toda, a tudo aquilo que faz parte de uma vida plena. Pe. Jordan nos lembra, que o verbo ‘*salvar*’ resume toda a missão de Jesus e nossa: “*Nosso santíssimo Redentor se encarnou, assumiu uma vida de sofrimento, aceitou a paixão dolorosa e a morte para nos salvar. E a única missão que Ele*

159 CIP 5,20

160 Mt 28,19

161 PE 23

162 PE 180

163 cf Jô 17,3

164 cf Mt 25,31-37

fê¹²⁰, seria jogar pedras preciosas a um animal, que não sabe distinguir uma pérola de uma pedra comum¹²¹.

Pe. Jordan faz suas as palavras do Apóstolo Paulo: “*Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!*”¹²². E insiste conosco, seus filhos e filhas espirituais, para que não nos contentemos com a pastoral tradicional, que se satisfaz com a simples sacramentalização: “*Eles não se devem contentar com a tradicional cura de almas nas escolas e na Igreja,...aplicando outros métodos de renovação espiritual*”¹²³. A verdadeira evangelização procura envolver as pessoas num processo dinâmico, de modo que se tornem agentes da mesma. Por isso, “*queremos ajudar a acender em todos os corações o fogo que Jesus veio trazer à terra, e que ele quer ver aceso!*”¹²⁴.

2.2. Condição para envolver outros

Ninguém se envolve seriamente na vida da Igreja, sem uma séria formação parra o compromisso. Sem ela, as pessoas estariam sujeitas às oscilações de seu mundo emocional, e não conseguiriam assumir e levar adiante qualquer tipo de compromisso sério. Por isso, precisamos estar sempre bem atentos à formação inicial e permanente dos membros da Família Salvatoriana, bem como de todo o Povo de Deus, à luz do nosso carisma. Sem isso, ficaremos repetindo sempre esquemas superados que não envolvem e não comprometem ninguém na vivência dos valores familiares, eclesiais e religiosos. A mesma coisa vale também para nossas obras em geral. Se não estamos atentos, acabamps repetindo apenas esquemas estéreis, que não ajudam a criar convicções sólidas e que não comprometem com a causa do Reino.

120 o Querygma

121 cf Mt 7,6

122 1Cor 9,16

123 CIP 11,38

124 CIP 23,23

Pe. Jordan insiste numa adequada seleção dos candidatos e candidatas à Vida Salvatoriana: *“Entretanto, não podemos aceitar qualquer um, mas apenas católicos autênticos...que amam e vivem, de fato, sua fé e que estão realmente interessados na salvação de seu próximo”*¹²⁵. Estando impedida de se ocupar com os leigos, em 1888, antes da fundação das atuais Irmãs Salvatorianas, a Sociedade informa: *“...a nossa atividade principal, no momento, consiste em educar e formar, para nossa finalidade, um bom número de sacerdotes religiosos apostólicos. Esta é, por certo, a tarefa mais importante e mais urgente para uma jovem Sociedade, numa época tão carente de sacerdotes, como é a nossa”*¹²⁶. Para nosso Fundador, não há dúvida de que formamos mais pelo testemunho de vida do que por palavras. Uma coisa é certa: *“Se o sal perder seu sabor, com que se salgará? Para nada mais serve, a não ser para ser jogado fora e pisado pelos homens”*¹²⁷. Por isso ele nos ordena: *“Ide em nome do Altíssimo e inflamai a todos!”*¹²⁸.

3. Agentes de transformação

Como Salvatorianos e Salvatorianas, somos chamados(as) a ser e a ajudar outros a serem agentes de transformação. E, para atingir outros, precisamos começar por nós mesmos. Isto exige uma atitude de constante conversão. Na prática, custa-nos criar espaços, superar inseguranças e nos dispormos a correr o risco. Quando nos falta a devida confiança em nós mesmos, também não conseguimos confiar nos outros. Somos chamados(as) a ser apóstolos, que formam e envolvem outros como apóstolos, como agentes de transformação. Em outras palavras, somos chamados a agir como multiplicadores e multiplicadoras. Da mesma forma como a Igreja não existe para si mesma, também a Família Salvatoriana não existe

125 CIP 23,21

126 CIP 23.44

127 Mt 5,13

128 DE II 21,1

Apesar de todas as dificuldades encontradas, particularmente por parte da autoridade eclesial, este aspecto de nossa missão e espiritualidade esteve sempre muito presente na tradição salvatoriana.

1.1. Com relação às pessoas

Nosso Fundador é um grande amante da Palavra de Deus. Em sua familiaridade com a Bíblia, ele percebe que Deus quer vida plena e eterna para todas as pessoas. O amor salvífico de Deus é incluyente, não exclui ninguém. Neste contexto, uma passagem do Evangelho chama particularmente sua atenção: *“Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura”*¹⁵⁴. Ninguém deve ser excluído. A Boa Nova da salvação deve ser anunciada, sem exceção, a todas as pessoas.

Pe. Jordan conclui: os Salvatorianos e as Salvatorianas devem *“manifestar a todos e glorificar em toda parte Deus Pai, seu Filho Jesus Cristo e o Espírito Santo, para salvar as almas imortais”*¹⁵⁵. É um compromisso sério com o projeto salvífico de Deus, que é vida plena para todos. O projeto de Deus está voltado particularmente para a pessoa humana, para todas as pessoas. Por isso *“pretendemos revelar ao mundo o Deus uno e trino: o Pai, o Filho e o Espírito Santo”*¹⁵⁶. Nosso amor se deve estender, portanto a todos, sem distinção. Cheio de santo zelo, ele exclama: *“Oxalá eu pudesse **salvar a todos!**”*¹⁵⁷.

1.2. Com relação aos povos e às nações

Somos chamados a nos dedicar à libertação e salvação de todo ser humano, sem discriminação ou preferência de nacionalidade, raça, cor, condição social¹⁵⁸. Pe. Jordan aponta,

154 Mc 16,15

155 CIP 5, Regras de 1886, p. 40

156 CIP 23, 43

157 Pe. Jordan, DE I 149,7

158 cf Gl 3,26-28

V. AMOR UNIVERSAL DO SALVADOR AMOR SEM FRONTEIRAS

Jesus, o Divino Salvador, nos revela que o verdadeiro rosto de Deus Salvador é marcado pelo amor universal. O amor caracteriza o amor existente entre as três pessoas divinas. Ele é marca inconfundível da relação de Deus Salvador com seu povo. Neste caso, o amor de Deus é, por natureza, um amor misericordioso. O Senhor ama seu povo com um amor terno e universal. Por isso, a espiritualidade que sustenta nossa missão salvatoriana é ampla e abrangente. Ela pressupõe um espírito igualmente aberto, universal. O amor de Deus Salvador se estende a todos, por isso nosso amor também deve ser universal, sem fronteiras.

1. Elementos da tradição salvatoriana

A tradição salvatoriana é constante em afirmar que o amor universal é **marca característica da vida salvatoriana**. Referindo-se a São Paulo¹⁵⁰, Pe. Jordan esclarece: *“a caridade é como o amor de uma mãe para com seu filho. Essa caridade deve ser verdadeira, abnegada, paciente, atenciosa, compassiva, imparcial, universal; não é unilateral, é ativa em palavras e em gestos concretos. Ela deve abranger a todos... Esta caridade universal é uma nota específica de nossa Sociedade”*¹⁵¹. E acrescenta: *“Lembrai-vos de que, se vos afastardes deste espírito de universalidade, estareis menosprezando a natureza da Sociedade”*¹⁵²

E o sucessor de Pe. Jordan, como Superior Geral, nos lembra que *“Cristo morreu por todos os seres humanos; por isso nossa Sociedade possui um caráter universal”*. E continua: *“Alargai, pois, os vossos corações e esforçai-vos para serdes tudo para todos, a fim de ganhardes todos para Cristo”*¹⁵³.

150 Cf 1Cor 13

151 PE 126-127

152 PE 180-181

153 Pe Pancrácio Pfeiffer, *Pater Jordan und seine Gründungen*, p. 291.

para si mesma, mas para a vida do mundo. Este aspecto de nosso carisma é fundamental em nossa vida e missão.

3.1. **Dispostos a envolver outros**

A ordem de Jesus, após sua ressurreição, é clara: *“Ide, pois, e tornai discípulos meus todas as nações...”*¹²⁹. Ele explica: *“O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e misturou a três medidas de farinha, para que fermentasse toda a massa”*¹³⁰. E o Apóstolo Paulo nos questiona: *“Não sabeis que um pouco de fermento é capaz de fermentar toda a massa?”*¹³¹. Não se trata apenas de *“anunciar o Evangelho a toda criatura”*¹³² ou de *“ensinar”*¹³³, mas de anunciar e ensinar de modo a envolver, a tornar discípulos, fermento na massa, agentes de transformação. Na oração sacerdotal, Jesus pede por aqueles que o Pai lhe confia,¹³⁴ bem como pelos discípulos e discipulas de todos os tempos: *“Não rogo só por estes, mas também por todos aqueles que por meio de suas palavras hão de crer em mim, para que todos sejam um”*¹³⁵. Com isso ele pensa também nos discípulos e discipulas que, graças ao nosso testemunho, hão de crer nele.

Pe. Jordan lembra, que nossa evangelização deve ter sempre esta marca característica: *“tornai discípulos meus todos os povos”*¹³⁶. Lançando um olhar sobre o universo, ele antevê os membros da Família Salvatoriana, atuando através dos tempos: *“Eis os santos apóstolos, percorrendo o universo e evangelizando a todos! Ó zelo inescrutável! Ó dom*

129 Mt 28,19a

130 Mt 13,33

131 1Cor 5,6

132 Mc 16,15

133 cf Mt 28,20

134 cf Jo 17,9

135 Jo 17, 20-21a

136 CIP 1,5; cf Mt 28,19

*de Deus tantas vezes desprezado e reprimido quando, por qualquer coisa, se consideram escusados!”*¹³⁷. A metodologia do envolvimento é vital para nós: *“Que cada um possa dizer, onde quer que se encontre, o que disse são Paulo: ‘sede meus imitadores como eu o sou de Cristo’*¹³⁸. *Dessa forma estareis exercendo uma poderosa força de atração”*¹³⁹.

3.2. Formadores de novos apóstolos e apóstolas

Na concretização de sua missão, Jesus ensina o povo, se compadece, cura, perdoa, ... Contudo, com todas essas atividades, ele não descuida a formação dos discípulos. Pelo contrário, reserva boa parte de seu tempo à instrução e ao treinamento dos mesmos, dando-lhes explicações à parte¹⁴⁰. Não faz segredo das exigências feitas a quem pretende segui-lo¹⁴¹. Exige que, a exemplo do Mestre, não sejam apenas alunos, mas servidores¹⁴². Exige o compromisso de segui-lo¹⁴³ nas inseguranças¹⁴⁴, nas provações¹⁴⁵, aonde quer que ele vá¹⁴⁶. Nos Atos dos Apóstolos e nas cartas de Paulo encontramos muitas passagens com esta marca eclesiológica do envolvimento. O Apóstolo Paulo baseia toda a sua atividade apostólica no envolvimento. Prepara e forma apóstolos, de modo que, depois de algum tempo, pode se dirigir tranqüilamente para outros lugares. Em seu esforço formativo, ele inclui todo tipo de pessoas: indivíduos, casais, homens, mulheres, judeus e gregos¹⁴⁷ Para ele não importa quem são, qual a sua origem,

137 DE I 138,6-7

138 1Cor 4,16

139 PE 198

140 cf Mc 4,3-28

141 cf Mc 8,34

142 cf Mt 10,24-25

143 cf Mt 11,29-30

144 cf Lc 9,57-58

145 cf Lc 22,22-28

146 cf Jo 12,26

147 cf Rm 16,33-16

idade, sexo ou condição social. O que importa mesmo é que sejam apóstolos, formadores de novos apóstolos. Pe. Jordan também não deixa dúvidas, ao afirmar que realizamos nossa missão, *“seguindo o exemplo de Jesus Cristo e dos santos Apóstolos”*¹⁴⁸. O Pe Boaventura Lüthen conseguiu captar muito bem o pensamento do Fundador, ao escrever: *“Ela (a Sociedade Apostólica Instrutiva) pretende ajudar a transformar muitos cristãos católicos em católicos autênticos, para que não só levem externamente este belo nome, mas que sejam repletos em seu íntimo, da fé católica...Ela também pretende animar e instruir os cristãos católicos para defenderem, com ânimo e habilidade, a santa fé”*¹⁴⁹

Conclusão

A compreensão e vivência deste aspecto de nossa espiritualidade é de suma importância para a Família Salvatoriana. Ele nos confronta com muitos desafios. Com efeito, nem sempre conseguimos ter aquela abertura que este aspecto de nosso carisma requer de nós. Com frequência nossas inseguranças nos impedem de abrir espaços para outros. Não raro nos falta a coragem necessária para abandonar esquemas rígidos, formais, legalistas, ultrapassados. Hoje somos convidados a rezar nossas atitudes, confrontando-as com as atitudes de Cristo Salvador, nosso Modelo, e dos santos Apóstolos, nossos santos Padroeiros.

148 CIS 5,24

149 CIP 11,16